

## Mensagem de Julián Carrón

### Peregrinação a Roma dos jovens de Comunhão e Libertação com vista ao Sínodo

Por quê ir a Roma no coração do verão? Porque alguém nos convocou, o Papa; não foi algo que nós tivéssemos tirado da cartola. Alguém em quem confiamos convidou-nos.

Quais são as razões para confiarmos? Temos de olhar para a nossa experiência. Foi o que nos recordou o Papa Francisco com «as palavras que certo dia Jesus dirigiu aos discípulos, que lhe perguntavam: “Rabi, onde moras?”. Ele respondeu: “Vinde e vede” (Jo 1,38-39). Jesus dirige o seu olhar também a vós, convidando-vos a caminhar com Ele. Caríssimos jovens, encontreis este olhar?» (*Carta aos jovens aos jovens em preparação do Sínodo*, 13 de janeiro de 2017).

O encontro com o movimento foi para cada um de nós o embate num olhar carregado de promessas, numa proposta que acolhemos como uma novidade, pois não coincidia com as imagens que tínhamos feito do nosso caminho. Pensemos nos discípulos, também a eles aconteceu o mesmo depois de terem encontrado Jesus: por que razão deviam seguir aquele homem? Seguiram-no porque correspondia às suas expectativas. Uma vez percebida esta correspondência, segui-la significou ir ao Seu encontro no dia seguinte e no outro dia ainda. E quanto mais crescia a certeza a Seu respeito, mais tinham o desejo e as razões para confiarem n’Ele e, portanto, para segui-l’O: levantavam-se de manhã sem saber onde lhe passaria pela cabeça ir, e algum deles poderia ter dito: «Por que não vamos ao rabino tal, que lê o Antigo Testamento e assim nos aproximamos mais do Mistério? Por que é que a minha relação com o Mistério tem de passar por ir pescar com este tipo?». Vocês o que teriam feito, perante o convite para subirem para o barco para irem pescar?

A realidade é a modalidade através da qual o Mistério me alcança e me convoca para que eu O siga. N’ *O sentido religioso*, Dom Giussani descreve assim esta dinâmica: «Por toda a vida [...] estar suspenso do gesto desse desconhecido “senhor”, [...] o homem, a vida racional do homem devia estar suspensa do instante, suspensa em cada instante deste sinal aparentemente tão volúvel, tão casual, que são as circunstâncias através das quais o desconhecido “senhor” me arrasta, me chama ao seu desígnio [...], simplesmente aderindo à pressão das ocasiões. É uma posição vertiginosa» (*O sentido religioso*, Verbo, Lisboa 2008, pp. 186-187), insustentável para nós. Por isso, o *desconhecido senhor* tornou-se carne num homem que se movia segundo uma modalidade imprevisível, que não coincidia com aquilo que imaginavam aqueles que o encontraram, e que talvez tenham pensado: «Eu hoje devia ter ido pescar, e em vez disso Ele diz-me que temos de ir a Cafarnaum». Imaginem quantas vezes terá acontecido isso aos apóstolos! E é fantástico poder lê-lo nos Evangelhos, porque assim podemos entender o que é o Cristianismo: um Facto que entrou na história e que se torna concreto nas circunstâncias, então como hoje ainda.

Claro, cada homem pode imaginar uma modalidade para entrar em relação com o Mistério, e isso faz parte da dinâmica do sentido religioso: uma tentativa de construir uma ponte para o *desconhecido senhor*. Mas aconteceu qualquer coisa que revolucionou o método: há uma outra modalidade – mais simples, mais audaz, mais bonita, mais razoável – para entrar em relação com o Mistério, e é embater numa diversidade humana – na escola, na universidade, no trabalho– que O torna presente no presente. E esta modalidade está ao alcance de todos, mas só os simples a reconhecem. O simples é aquele que, encontrando-O, se dá imediatamente conta de que se abriu um outro *file*, e que aquele Cristo em que embateu não é um dos muitos que estão no Panteão imaginado pelos homens de cada época.

Por isso temos de voltar, de todas as vezes, aos episódios do Evangelho. Imaginem que são Marta ou Maria: é melhor afadigar-se para servir à mesa ou ficar a ouvir Jesus? E se por acaso te tocasse a ti servir, irias lamentar-te disso? Se tu estivesses num almoço com Jesus, desagradar-te-ia servir

aquela presença excepcional? Ficarias honrada em fazê-lo! Só se percebermos as razões é que poderemos apreciar tudo aquilo que fazemos. Caso contrário, lutaremos sempre com imagens que estão na nossa cabeça, tendo de apagar da nossa memória tudo aquilo que vivemos. Por isso é fantástico que, depois de tudo aquilo que viveram nestes anos, ao convocá-los para ir a Roma juntamente com o Papa, o Senhor coloque cada um de vocês diante da grande pergunta que dirigiu a Pedro nas margens do lago, naquela manhã em que tinha cozinhado peixe para os Seus amigos: «Amas-me?». É muito bonito que vocês não se poupem a isso, precisamente neste momento da vossa vida.

Vocês são amigos para isto, para se entreajudarem a responder, cada um pessoalmente e com simplicidade, à pergunta de Jesus. E não haverá nenhum gesto mais amigo entre vocês do que responder àquele que vos leva ao destino. Se não gerarmos relações a este nível, com pessoas com quem iríamos até ao fim do mundo – porque a única razão por que estamos juntos é esta: ir até ao destino –, desafio-vos a verificar quanto tempo durarão as vossas amizades.

Qual é o rosto deste destino hoje? Vamos voltar ao ponto de partida: qual é o rosto de Cristo hoje para nós, segundo uma imagem que não seja ditada por aquilo que “pensamos” d’Ele? A Sua face hoje só nos chega através do gesto da peregrinação a Roma, à qual somos chamados precisamente por Cristo presente na história através do Seu vigário, o Bispo de Roma.

A modalidade através da qual o Mistério te chama é um facto histórico, uma circunstância muito concreta: neste momento, o guia estabelecido por Cristo como ponto de autoridade último para a nossa vida de fé, ou seja, o Papa, convoca-nos a Roma. Este verão, o Mistério interpela-vos através desta modalidade e Ele saberá como vos ajudar a responder às perguntas que têm sobre o vosso futuro – estou a pensar, sobretudo, em quem terminou o secundário e a universidade.

Só seguindo este método é que me preparo para enfrentar o futuro, porque o Mistério me oferecerá os sinais para encontrar o meu caminho. Mas só o encontrarei permanecendo mergulhado neste lugar que é movimento dentro da Igreja, porque só assim Cristo determinará de tal forma a minha forma de olhar, que começarei a ver. «Foi olhado, e então viu», diz Santo Agostinho sobre Zaqueu. Só se nós estivermos literalmente “de molho” num lugar onde Cristo volta a acontecer constantemente, é que podemos fazer experiência de um conhecimento do real, que nos permite captar os indícios através dos quais o Mistério clarifica qual é o nosso caminho; caso contrário, será impossível ver aquilo que estiver debaixo do nosso nariz.

Os discípulos só puderam perceber o que é a vida, o que é a vocação, seguindo a relação com Jesus, que fazia surgir com uma clareza cada vez maior quem eram eles próprios e quem podia responder aos seus corações. E assim conquistaram um olhar suficientemente amplo para reconhecer os sinais da vocação. Damo-nos conta da novidade que Cristo introduziu na vida?

Quando não percebemos que tudo se torna claro seguindo a Sua presença, começamos a complicar-nos a vida. Em que é que consiste o problema da afectividade? E o do futuro? E o da vocação? Tudo se joga na relação com um lugar onde Ele se torna presente. Por isso, eu só posso ter um conhecimento verdadeiro, novo, original, aberto a tudo, se viver em contemporaneidade com Cristo. Ir a Roma é uma modalidade através da qual Cristo se torna contemporâneo de cada um de vocês.

A nossa única certeza é que se não formos atrás d’Aquele que encontrámos, todas as nossas certezas vão ruir, uma atrás da outra. A certeza não tem a ver com que estudos farão, que trabalho irão encontrar, ou se se irão casar; e se já tiverem preparado as participações de casamento, já tiverem escolhido o restaurante e o menu da festa, o que fazem de tudo isso se vos faltar Ele?

Uma peregrinação é sempre um gesto de mendicância. Por isso vamos a Roma como mendicantes, para que Cristo nos ponha uma mão na cabeça. Aquilo de que precisamos é de aprender o sentido do Mistério, que se comunica no tempo através dum ponto histórico concreto e que nos chama a segui-l’O, respondendo-Lhe. Convém-vos seguir, em vez de submeter a presença histórica de Cristo ao crivo da vossa medida, decidindo vocês “como” é que deve tornar-se presente na vossa vida; não

se comportem como Pedro que, diante do convite de Jesus: «Vamos para Jerusalém, porque o Filho do homem tem de sofrer», reage de forma brusca: «Não! Para Jerusalém não, nem pensar!» (cf. Mt 16,21-23), fazendo sentar Jesus no banco dos réus.

Por isso, indo ao Papa, peçam, mendiguem o conhecimento novo que Cristo prometeu a quem o segue com a simplicidade de uma criança. Como diz São Paulo, nós nem sabemos o que pedir; com o desejo de terem uma postura de mendicância, peçam a Cristo: «Dá-me até mesmo esta postura, porque eu sozinho não sei como fazer». Por isso começamos cada gesto da vida pedindo ao Espírito, porque é o Espírito que vem em nosso auxílio – diz São Paulo – para nos dar aquilo que nem sequer podemos imaginar, para nos colocar naquela posição de pergunta que nos permite reconhecer a resposta quando ela chega. Como veem, não podemos dar nada por adquirido, nem sequer o facto de termos esta posição. Porque até mesmo a posição última de pergunta é fruto de um encontro, como nos testemunha o Inominado de Manzoni; ao Cardeal Federigo, que lhe pergunta: «Voltareis, não é verdade?», responde: «Se eu voltarei? [...] Se me recusásseis, ficaria obstinado à vossa porta, como o pobre» (*I promessi sposi*, Bur, Mi 2012, p. 486). Quanto mais cresce a familiaridade com Ele, mais surge com clareza a nossa pobreza e Quem responde.

A peregrinação a Roma fará com que vocês aprofundem ainda mais tudo aquilo que viveram nestes anos. Um gesto como este educa mais do que muitos discursos que poderíamos fazer. Por isso: boa verificação, desejando-vos a experiência do cêntuplo.

Milão, julho de 2018